

## ***IKUÃNI***

### **TRABALHO CÊNICO E TEÓRICO “*IKUÃNI*” TRATA DA DECODIFICAÇÃO DA MOVIMENTAÇÃO COTIDIANA DA MULHER HUNI KUIN**

Regina Cláudia Morais de Souza

ciagaratuja@yahoo.com.br

Tema: Tradição e a pós-modernidade

**RESUMO:** Trabalho cênico e teórico “*Ikuãni*” trata da decodificação da movimentação cotidiana da mulher *Huni kuin*\*. Mulher forte e guerreira, mulher gavião acorda às 5h da manhã no canto do jacú “*kebu tikiri iki*” para colher algodão cantando e pedido a força da aranha e depois vai para roça arrancar macaxeira para o desjejum de toda a família, durante todo o dia a mulher Gavião trabalha sem parar, até quando está sentada ou de cócoras está trabalhando tecendo redes, cusma, cinturão, bolsas ou fazendo os colares de miçanga, elas sentam em círculo onde as meninas já muito novas observam e já tentam fazer junto, reproduzindo os *kenes* em tudo que fazem. A linguagem do corpo em movimento durante seus afazeres e sua organização estética, coreográfica e ritualística, além do canto que é fundamental nesta pesquisa, pois os *Huni Kuin* tem uma musicalidade muito presente que ocupam um lugar fundamental no desempenho do ritual das tradições indígenas, são objetos de pesquisa profunda neste trabalho.

#### **PALAVRAS- CHAVE:**

Corpo em Movimento, Cotidiano, Ritualística, *Kenes*, Estética, *Huni Kuin*.

## A PINTURA DIARIA DO NANE

Cheguei à aldeia Lago Lindo Seringal Independência às 19h da noite em uma canoa, fomos recebidos com gritos de boas vindas ehuur! Fui muito bem recebida e acolhida, na manhã do dia seguinte tomei meu jejum no espaço principal que foi construído para os convidados, a comida era bem típica tapioca, milho cozido, café, bananas e macaxeira cozida, comi e já desci para o *kupixawa* me informa como e com quem eu conseguiria me pintar ou melhor, pintar *kene* com o nane no rosto, nos braços e nas pernas, logo apareceu varias mulheres se dispondo, cheguei na casa de uma e ela já foi me oferecendo macaxeira cozida, como já havia comido não pude aceitar, logo uma pediu para sentar que ela ia pintar, enquanto ela pintava eu fotografava as pinturas tudo isso durou cerca de 40 minutos, elas riam muito, falavam muito rápido o *Hãxta hu-ni-kui* a língua dos Huni Kuin extremamente difícil de aprender, fiquei observando e tentando entender o que elas falavam e foi assim a minha estadia inteira naquele lugar sagrado. Todos os dias eu reforçava a pintura com o nane “Jenipapo”, pois ficaria muitos dias na aldeia e com o banho do rio logo vai enfraquecendo os *kenes*.

A mulher Huni kuin e o seu ritual de entrega ao amanhecer, ao seu mundo e ao seu povo, sua ancestralidade arraigada no DNA, às mulheres gavião carregam com elas uma força extraordinária, nessas horas o estado do ser se funde ao estado do corpo, da mente, e do espirito, capaz de ficar horas na mesma posição, com uma resistência física incrível. Ao mesmo tempo que toda a sua performance no centro da floresta onde fica o seu roçado de mandioca ela faz repetidas vezes o mesmo movimento, puxa com suas mãos nuas no caule da planta e a arranca do fundo da terra o legume para o alimento

do dia a dia, termina ali mais um ritual em um espaço de energia pura que é a floresta para iniciar um novo rito na aldeia, alimentar sua família é uma responsabilidade exclusiva da mulher, como elas dizem “Cozinhamos e os homens comem e comem se deixar... comem o dia todo, e se for preciso cozinhamos novamente” (Terezinha Kaxinawa” as mulheres Huni Kuin trabalham o dia todo, no cai na noite se preparam para o ritual do *nixipaem*, toma cipó *hunipaem mira ao som das cantorias dos pajés assim é a noite toda as vezes tomamos mais de três vezes o nixipaem. No dia seguinte repete tudo novamente e no cai da tarde vem o O Katxa nawa festa onde se dança o Mariri e se bebe muita Caiçuma e o Nixipaem inicia dentro da mata para o centro da aldeia, todos pulando e cantando agradecendo a fartura de legume produzida no roçado, essas tradições sempre são realizadas constantemente na aldeia e está presente no trabalho cênico de *Ikuâni*.*

Nessa observância entendi que minha visão de artista acabará de captar algo extraordinário que toda a movimentação das mulheres contribui para explorar a ideia de contemporaneidade constituindo performances cênicas esteticamente estruturadas incluindo além, do teatro, outras linguagens como música, a dança, as artes plásticas e o audiovisual nesta construção cênica que estou desenvolvendo para o espetáculo de dança *Ikuâni*.

## **O CORPO, ESTÉTICA TRADIÇÃO HUNI KUIN**

Quando falo de uma estética é porque na cultura Huni Kuin tudo é arte os adornos eles estão sempre presente com colares, cocares, pulseiras, pintura corporal suas redes confeccionadas na tecelagem

manualmente reproduzindo toda a sua grafia milenar das mestras dos *kenes* tudo está relacionado com a natureza, os animais as plantas. Após o jejum pintar *kenes* nos filhos e em si mesma é um ritual que acontece constantemente no mínimo duas vezes por semana, elas reforçam a pintura corporal um corpo no processo criativo do grafismo, “Estou fazendo os desenhos *kene* que minha mãe me ensinou, ela pintava em mim, ela me ensinou *nawa kene*” (Ozélia Kaxinawa) as crianças deitadas no chão da casa e elas pintando com muita tranquilidade, depois aplicam *bawe* nos olhos para enxergar os desenhos que elas não conseguem ver “Mulher que não sabe fazer *kene* homem nenhum quer casar” disse a mestra “veja esse que está acima é o *kene* do ganho da árvore e esse do meio é *nawa kene* e esse outro que não terminei ainda é o *kene* da Samaúma” (Irene Macário Kaxinawa) ela me mostrava com muito entusiasmo tudo que fazia.

O trabalho se desenvolveu a partir das observações e vivências realizadas nas aldeias com as mulheres, resultando na criação de “*Ikuãni*” uma personagem que vive todas as tradições de seu povo e vivencia todas as mudanças com a chegada dos invasores brancos, levando *Ikuãni* para outro mundo, transformando – a e fazendo com que seu *Yuxin* “saltem dos olhos, “sem *yuxin*, todas as coisas tornam-se pó, somente casca vazia. Você toca nelas e elas se dissolvem e então você vê nada mais que cinzas, pó” (Antônio Pinheiro, Kaxinawa).

Para o povo Huni Kuin eles quando ficam muito tempo distante da sua aldeia e de sua cultura, transformando-se em um não índio, um *Nawa* ou até mesmo um *yuxin*, um ser sem forma, um vagante, sem pensamentos, perdido. Essa experiência tivemos com um parente Huni Kuin

que fazia parte de nossa equipe de pesquisa, nasceu na aldeia, mas veio morar na cidade grande muito criança, junto com sua mãe, perdendo todos os seus laços culturais, quando voltou conosco para a aldeia junto com nossa equipe, não conseguiu ficar dois dias no local, ficou completamente fora de si um estranho um não ser indígena, “Já não é mais Huni Kuin” segundo o pajé (Agostinho Ika Muru)

Muitas são as histórias de mulheres indígena pega no dente do cachorro, é assim que o povo da floresta fala! Muitas famílias do Acre foram constituídas a partir dos sequestros de mulheres para suprir a necessidade dos seringueiros que vinham do nordeste. O espetáculo *Ikuãni* tem uma cena sobre esse assunto, às próprias indígenas que vivem hoje na aldeia contam muitas histórias de mulheres ancestrais que passaram por isso e nunca mais foram vistas. Elas... Só as mulheres mais antigas lembram, eram crianças porém na memória ficou muito forte principalmente nas meninas órfãs “Eles não escolhiam...saíam pegado as primeiras que aparecessem na frente, assim muitas que já eram mães eram levadas e seus filhos eram criados pelos parentes” (Irene Macário Kaxinawa” Aldeia Maubena rio Jordão.

Na pesquisa sobre a movimentação cotidiana da mulher Huni Kuin, descobriu-se que quase tudo é dança, a ação e a expressão corporal tomam a cena, o "meio torna-se a mensagem" mas é, ao mesmo tempo, o agente transformador, tudo tem um significado, tem um sentido, fazer o fogo pela manhã, por exemplo, é ritual e tem um “sagrado” ali, tem um *Yuxibu*, e é essa performance que é mostrado em Ikuãni, em uma dança que repete e repete cotidianamente em um tempo que não é esse que as mulheres comum

costumam usar, não se corre, não se pensa no que vai fazer com preocupação porém, se sente. Nesse trabalho o elemento humano é fundamental, a sensibilidade dessa mulher é mostrada a flor da pele, uma pele cheia de *kenes* como uma *Yube* “Jiboia” o desenho contém o mundo, cada kene na sua pele pode se abrir e mostrar a porta para novas formas, novos significados para a arte da dança e da interpretação.

Pesquisa realizada com o povo Huni Kuin situado as margens do rio Jordão e rio Tarauacá do Estado do Acre.

#### **NOTAS:**

O conceito yuxin— ao qual dedico longa análise em Lagrou (1998) — é complexo e não encontra plena expressão nas palavras ‘alma’, ‘fantasma’ ou ‘espírito’, apesar de poder ser traduzido por estes termos dependendo do contexto. O corpo humano é habitado por vários tipos de yuxin: o yuxin do olho (expressão do yuxin kuin, o mais vital dos yuxin de uma pessoa), do corpo (a sombra), das fezes, da urina. O corpo acordado e saudável está com todos os seus yuxin presentes.

Yuxibu – Grande espírito, todas as coisas da natureza tem, a floresta, a água a terra, pode ser para o bem ou para o mau.

Kene - Grafismo ou desenho huni kuin feito do jenipapo e urucum.

Yube – Cobra jiboia encantada, a dona do kene.

Kupixawa – Casa grande no centro da aldeia servi para reuniões, rituais do nixipaem e festas

Katxa nawa – Festa onde se canta e dança o Mariri

Nixipaem – Chá do cipó do Jagube e da folha Chacrona, faz parte de todos os rituais de cura e das festas.

Caiçuma – Bebida feita da macaxeira, tem teor alcoólico.

\*Os Huni Huin que quer dizer gente verdadeira, também denominados Kaxinawa, pertencem ao tronco linguístico Pano que habita a floresta tropical no leste peruano, do pé dos Andes até a fronteira com o Brasil, no estado do Acre e Sul do Amazonas e atualmente a etnia com o maior índice populacional.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Dias, J.A.B.F. 2000. "Arte, arte índia, artes indígenas". In Mostra do redescobrimento, Brasil 500 anos é mais. Vol. Artes Indígenas. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo. 2000.
2. Lagrou, E.– "L'art des indiens du Brésil. Alterité, 'authenticité' et 'pouvoir actif'". In: Brésil indien, les arts
3. Turner, V.W. The anthropology of performance. New York: PAJ Publications. 1988.
4. Schechner, R. Between theater and anthropology. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. 1985.
5. WEBER, Ingrid. 2006. *Um copo de cultura: os Huni Kuin (Kaxinawá) do rio Humaitá e a escola*. Rio Branco: Edufac. 255pp.
6. SALES, José Osair. Centro de Memória dos Rios Yurayá e Tarayá/José Osair Sales, Andréa Martini, Deodato Maia Kaxinawa – 1. Ed.- Jordão,Ac, ASKARJ, ASKARJ, 2010.36 p.